

ZÉ GUI & POETA

DO DENDÊ NASCE O MAR

Espetáculo de música, poesia e pintura ao vivo

Concepção: Zé Gui & Robson Poeta

Formato: 20 tracks

Linguagem: show cênico-musical com poesia e pintura ao vivo

ABERTURA CÊNICA

O palco escuro. Som de mar. Vento. Atabaque ao longe. Uma luz âmbar acende devagar.

No palco: Zé Gui com violão. Poeta diante de uma tela branca, pincel na mão.

POETA (recita):

Antes do mar
não existia mar.

Antes da Bahia
não existia Bahia.

Antes da panela,
antes da fé,
antes do canto,
antes do axé...

existia uma árvore.

Antiga.
Firme.
Guardada no ventre da África.

E dos seus frutos
escorria ouro quente.

Uma gota viva.
Uma gota antiga.
Uma gota de sol.

Uma gota chamada dendê.

Poeta pinta no centro da tela uma grande gota âmbar.

POETA:

E quando essa gota
atravessou o oceano
e tocou o chão da Bahia...

o mundo ganhou tempero.

Zé Gui toca o primeiro acorde.

TRACK 1 — O NASCIMENTO DO DENDÊ

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

Antes do mar ser mar
antes da Bahia ter nome
antes do fogo estalar na panela
antes da saia rodar no terreiro
já existia uma palmeira.

Erguida na África
como quem segura o céu.

Seu tronco era tempo.
Suas raízes, memória.
Seus frutos, pequenos sóis
pendurados na mão de Deus.

Quando caíam no chão
a terra acendia.
O barro brilhava.
O ar ganhava cheiro.

E das fibras do fruto
do calor da mão
do peso da vida
nascia o azeite.

Denso como sangue antigo.
Brilhante como ouro vivo.
Sagrado como aquilo
que a palavra não explica.

O dendê não nasceu apenas para alimentar.
Nasceu para lembrar.

Lembrar que há coisas
que atravessam séculos.
Lembrar que há memórias
que não se perdem no mar.
Lembrar que dentro de uma gota
pode morar um povo inteiro.

PINTURA 1 — começo visual:

Poeta desenha uma palmeira de dendê surgindo ao redor da gota central.

TRACK 2 — A PRIMEIRA GOTA

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Poeta, me diga uma coisa...
quem foi que viu a primeira gota nascer?

POETA:

Foi o tempo.

ZÉ GUI:

E quem foi que pegou essa gota na mão?

POETA:

Foi a África.

ZÉ GUI:

E quem foi que sentiu o cheiro dela primeiro?

POETA:

Foi a terra quente, molhada de sol.

ZÉ GUI:

E essa gota já sabia que viraria mar?

POETA:

Já.

Porque toda gota que nasce com memória
sonha virar oceano.

ZÉ GUI:

Então o dendê sonhava?

POETA:

Sonhava com panela.

Sonhava com canto.

Sonhava com reza.

Sonhava com uma terra do outro lado da água.

ZÉ GUI:

Bahia?

POETA:

Bahia.

ZÉ GUI:

Então antes de chegar aqui
o dendê já conhecia o destino?

POETA:

Conhecia.

Tem coisa que nasce longe
mas já vem com endereço no coração.

Zé Gui faz uma levada curta no violão.

POETA:

A primeira gota
não caiu no chão.
Caiu dentro da história.

TRACK 3 — O SOL DENTRO DA PALMA

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

Quem olha o fruto do dendê
vê apenas cor.
Mas quem olha com memória
vê incêndio antigo.

Ali mora o sol.
Não o sol do céu,
mas o sol da sobrevivência.

O sol que alimenta.
O sol que tempera.
O sol que resiste.

Cada fruto guarda
um segredo dourado:
o gosto da permanência.

Quando a mão aperta
quando a fibra cede
quando o óleo escorre
não nasce só tempero.

Nasce presença.

Presença de avó.
Presença de terreiro.
Presença de panela fumegando.
Presença de povo vivo.

O dendê é o sol
que a terra aprendeu a guardar
dentro de um fruto.

TRACK 4 — A ÁRVORE ANCESTRAL

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

Lá no fundo da África nasceu
uma palmeira olhando pro céu
trazia o ouro dentro do fruto
calor antigo, segredo absoluto

Era raiz, era tempo e chão
era memória na palma da mão
era o começo de um velho cantar
que um dia inteiro virou mar

Refrão:

Ô árvore ancestral

guarda o fogo do quintal
guarda o sol no teu lugar
pra depois virar o mar

Ô árvore ancestral
teu fruto é luz de ritual
de uma gota veio o dom
de dar tempero ao nosso som

No teu balanço o vento contou
que a tua seiva o mundo esperou
e cada cacho, ao amadurecer
trazia um povo pronto pra viver

Refrão...

PINTURA 1 — conclusão:

A palmeira se completa. A gota no centro agora parece nascer dela.

TRACK 5 — QUANDO O DENDÊ CRUZOU O MAR

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Como foi a travessia?

POETA:

Dolorida.

ZÉ GUI:

Silenciosa?

POETA:

Nem sempre.

Havia choro.

Havia canto.

Havia tambor dentro do peito.

ZÉ GUI:

E o dendê veio como?

POETA:

Veio na lembrança.

Veio no costume.

Veio no saber das mãos.

Veio dentro daquilo que ninguém consegue arrancar de um povo.

ZÉ GUI:

Então o dendê não veio sozinho.

POETA:

Nunca.

Veio com língua.

Veio com fé.

Veio com fome de permanência.

ZÉ GUI:

E quando o navio cortou o oceano?

POETA:

A água ouviu nomes antigos.

O vento ouviu preces.

E o Atlântico percebeu

que não estava carregando apenas corpos.

Estava carregando civilização.

ZÉ GUI:

E o dendê?

POETA:

Veio junto.

Como quem traz um pequeno sol

escondido na memória.

TRACK 6 — MAR DE MEMÓRIA

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

Nem todo mar é água.

Há mar que é lembrança.

Há mar que é distância.

Há mar que é ausência.

Há mar que é nome chamado

e não respondido.

O Atlântico virou espelho de dor

mas também estrada de permanência.

Porque aquilo que veio da África
não morreu no sal.

Sobreviveu na palavra.
Sobreviveu no toque.
Sobreviveu na comida.
Sobreviveu no modo de olhar o mundo.

O dendê atravessou como atravessa a memória:
sem pedir licença ao esquecimento.

Veio escorrendo dentro das gerações.
Veio dourando o vazio.
Veio ensinando à Bahia
que certas heranças
não se guardam em papel.

Guardam-se no cheiro.

TRACK 7 — O CANTO DO ATLÂNTICO

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

O mar viu passar
navio e dor
no peito da noite
sem nenhum favor

Mas no meio da travessia
entre o pranto e o clamor
vinha uma centelha acesa
vinha memória em forma de cor

Refrão:

Atlântico, escuta bem
não levou tudo de ninguém
porque a alma soube guardar
o dendê pra temperar o mar

Atlântico, pode dizer
quanta saudade viu nascer
mas não venceu a ancestralidade
que aportou viva na Bahia cidade

No sal da lágrima ficou
o nome antigo de quem amou
e na maré da resistência
chegou o gosto da permanência

Refrão...

PINTURA 2:

Poeta transforma a grande gota em gota-mar, acrescentando ondas saindo de dentro do dendê.

TRACK 8 — CONVERSA COM O MAR

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Mar, me responda...
tu já sabias o que carregavas?

POETA (como se fosse o mar):

Eu sabia que vinha dor.
Mas também sabia que vinha grandeza.

ZÉ GUI:

Tu ouviste o dendê?

POETA (mar):

Ouvi pelo cheiro.
Mesmo dentro da distância
havia ouro respirando.

ZÉ GUI:

E quando ele chegou na Bahia?

POETA:

Eu devolvi à terra
o que a história tinha trazido.

ZÉ GUI:

Então tu entregaste o dendê à Bahia?

POETA:

Não.

Eu apenas lavei o caminho.
Quem reconheceu foi a terra.
Quem recebeu foi o fogo.
Quem celebrou foi o povo.

TRACK 9 — A TERRA RECONHECEU O CHEIRO

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

O dendê chegou
e a Bahia não estranhou.

A terra respirou fundo
como quem reencontra um parente antigo.

O barro aceitou.
O fogo sorriu.
A panela se abriu
como boca de casa.

Era como se o Recôncavo dissesse:
“Entre.
Eu já estava esperando você.”

O cheiro do dendê
não pediu tradução.

Foi entendido de primeira
pela cozinha, pelo corpo, pela fé.

A Bahia reconheceu ali
um idioma sem gramática
mas cheio de sentido.

E desde então
toda vez que o dendê esquenta
alguma parte da história
volta a respirar.

TRACK 10 — A MÃO DA BAIANA

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Quem foi que ensinou o dendê a virar festa?

POETA:

A mão da baiana.

ZÉ GUI:

Quem ensinou o fogo a respeitar o tempo?

POETA:

A mão da baiana.

ZÉ GUI:

Quem pegou o fruto da memória
e transformou em sustento, fé e beleza?

POETA:

A mão da baiana.

ZÉ GUI:

E o que mora nessa mão?

POETA:

Tradição.

Força.

Comércio.

Dignidade.

Reza.

E um jeito de mexer o mundo sem derramar o axé.

ZÉ GUI:

Então o acarajé nasce da mão?

POETA:

Nasce da mão, do fogo e do respeito.

Mas também nasce de séculos.

ZÉ GUI:

E o dendê?

POETA:

O dendê vira voz

quando encontra a mão certa.

TRACK 11 — MARÉ DE DENDÊ

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

Na mão da baiana o tempo gira
na panela o mundo conspira
o fogo acende, o cheiro vem
e a rua inteira responde: amém

Tem azeite dourando a fé
tem acarajé de mulher
tem a Bahia rodando no ar
feito maré querendo cantar

Refrão:

Maré de dendê
vem me banhar
no gosto da Bahia
que nasceu do mar

Maré de dendê
vem me chamar
quem prova esse ouro
quer sempre voltar

No tabuleiro mora um altar
na saia branca mora o luar
e no sorriso daquela que faz
tem o segredo da santa paz

Refrão...

PINTURA 3:

Poeta pinta uma baiana dentro da gota, com tabuleiro e acarajé, girando como maré.

TRACK 12 — REZA DE ACARAJÉ

Contracena — Zé Gui & Poeta

POETA:

Nem toda comida é só comida.

ZÉ GUI:

Tem comida que é caminho.

POETA:

Tem comida que é oferenda.

ZÉ GUI:

Tem comida que é sobrevivência.

POETA:

Tem comida que é história frita em óleo sagrado.

ZÉ GUI:

Acarajé é rua, é venda, é sustento.

POETA:

É também altar.

É também memória.

É também um povo dizendo:

“Eu continuo aqui.”

ZÉ GUI:

Quando o dendê estala no azeite...

POETA:

...a ancestralidade responde no ar.

ZÉ GUI:

Quando a massa gira na mão...

POETA:

...o tempo obedece.

JUNTOS:

E quando o povo come

não se alimenta só de sabor.

Alimenta-se de presença.

TRACK 13 — O OURO DA BAHIA

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

Não é ouro de mina

nem joia de rei

é ouro que esquentar
a panela da lei

é ouro que canta
na beira do cais
é brilho de povo
que não volta atrás

Refrão:

Ouro da Bahia
brilha sem metal
nasce do dendê
e vira ritual

Ouro da Bahia
tem cheiro e calor
tem gosto de mar
tem cor de amor

No Farol da Barra a luz vai bater
no azeite santo que faz renascer
e Salvador inteira vem confirmar
que esse ouro aprendeu a navegar

Refrão...

PINTURA 4:

Poeta acrescenta o Farol da Barra iluminando a gota dourada.

TRACK 14 — BAHIA ANCESTRAL

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

Bahia não é só lugar.
É continuidade.

Há passos antigos andando nas ladeiras.
Há vozes ancestrais morando no vento.
Há tambores invisíveis
marcando o compasso do agora.

A Bahia sabe conversar com o invisível.
Sabe que nem tudo é matéria.
Sabe que fé também cozinha.
Sabe que a memória também alimenta.

No dendê mora essa sabedoria:
a de unir corpo e espírito,
rua e terreiro,
fome e celebração.

Quem sente a Bahia de verdade
não a resume em cartão-postal.

A Bahia profunda
nasce no cheiro,
na pele,
na panela,
na reza,
na roda,
na resistência.

TRACK 15 — ONDE MORA O AXÉ

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Poeta, onde mora o axé?

POETA:

No corpo de quem canta com verdade.

ZÉ GUI:

Só?

POETA:

Não.

Mora também no silêncio de quem respeita.

ZÉ GUI:

Mora no terreiro?

POETA:

Mora.

Mas não só.

Mora no toque do atabaque.

Na folha.
Na água.
Na comida feita com intenção.

ZÉ GUI:

Mora no dendê?

POETA:

Mora.
Porque o dendê carrega calor de presença.
Quando ele entra na panela,
não entra sozinho.
Entra com força antiga.

ZÉ GUI:

Então axé se cozinha?

POETA:

Também.
A Bahia sabe disso há muito tempo.

TRACK 16 — COZINHA DE OLORUM

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

Na cozinha de Olorum
tem estrela no fogão
tem atabaque no peito
e fé na palma da mão

Tem folha, tem canto, tem cor
tem vento trazendo calor
e quando o dendê vai descer
o céu vem junto pra comer

Refrão:

Cozinha de Olorum
acende o meu coração
bota dendê na memória
e axé na canção

Cozinha de Olorum
me ensina a viver

que quem tempera com fé
faz o mundo florescer

Capoeira riscando o chão
atabaque chamando o clarão
Bahia girando no ar
feito panela querendo cantar

Refrão...

PINTURA 5:

Poeta acrescenta atabaques, roda de capoeira e movimento circular dentro da composição.

TRACK 17 — DENDÊ É MEMÓRIA

Poema — Poeta recita / Zé Gui toca

POETA:

Dendê é memória.

Memória que não cabe em museu.
Memória que não aceita esquecimento.
Memória viva, quente, cotidiana.

Não é passado morto.
É permanência.

Quando o azeite escorre
escorre junto uma linhagem inteira.

Mãos antigas.
Vozes antigas.
Saberes antigos.

O dendê ensina que cultura
não é enfeite.
É sustento.
É identidade.
É coluna de casa.

Por isso, mexer o dendê
é também mexer o tempo.

E quem respeita essa gota
respeita muito mais que um ingrediente.
Respeita um povo.

TRACK 18 — A BAHIA COZINHA O MUNDO

Contracena — Zé Gui & Poeta

ZÉ GUI:

Será exagero dizer que a Bahia cozinha o mundo?

POETA:

Não.

Porque cozinhar não é só dar de comer.
É ensinar sensibilidade.

ZÉ GUI:

E o que a Bahia serve ao mundo?

POETA:

Coragem com tempero.
Fé com beleza.
Dor transformada em arte.
Ancestralidade servida quente.

ZÉ GUI:

E o dendê é o quê nessa mesa?

POETA:

É assinatura.

ZÉ GUI:

É identidade?

POETA:

É selo.
É origem.
É o traço que diz:
“isso aqui tem raiz.”

ZÉ GUI:

Então quem prova a Bahia...

POETA:

...não esquece.

TRACK 19 — BAÍA DE DENDÊ

Música — Zé Gui canta / Poeta pinta

Letra:

Eu vi a baía dourada no ar
como uma gota querendo brilhar
Salvador inteira cabia ali
numa pintura pronta pra florir

Vi ladeira, vi cais, vi farol
vi a fé conversando com o sol
vi o povo cantando sem fim
e a Bahia cantando em mim

Refrão:

Baía de dendê
deixa eu navegar
dentro da tua gota
pra nunca mais voltar

Baía de dendê
me ensina a entender
que onde mora a memória
o amor aprende a viver

Tem mar, tem santo, tem chão
tem tambor batendo no coração
tem tanta história no mesmo lugar
que até o azeite aprendeu a sonhar

Refrão

PINTURA 6 — grande quadro final:

Poeta fecha a obra com **Salvador inteira dentro da gota:**
Farol, mar, baiana, capoeira, atabaque, ladeira e céu.

TRACK 20 — DO DENDÊ NASCE O MAR

Música final — Zé Gui canta / Poeta recita

ZÉ GUI canta:

Veio da África
numa canoa de fé

veio guardado na palma
na reza e no axé

quando encontrou essa terra
de sol e de amar
virou azeite sagrado
temperando o mar

Na panela da história
o tempo mexeu
e a Bahia inteira
de dendê se acendeu

Refrão:

Do dendê nasce o mar
do mar nasce a fé
da fé nasce a Bahia
e o povo que ela é

Do dendê nasce o mar
o mar vira canção
e a Bahia tempera
o mundo com coração

Na saia da baiana
rodando no vento
no toque do atabaque
no som do sentimento

No fogo do acarajé
na gira do chão
o dendê vira história
na palma da mão

Refrão...

Do dendê nasce o mar
do mar nasce a fé
da fé nasce a Bahia
e o povo que ela é

Do dendê nasce o mar
o mar vira canção
e a Bahia tempera
o mundo com coração

Intervenção final do Poeta

A música baixa.

Zé Gui segura um acorde longo.

POETA recita:

Dentro de uma gota de dendê
cabe um oceano inteiro.

Dentro de um oceano
cabe a travessia,
a dor,
a permanência,
o canto
e a fé.

Dentro da fé
cabe um povo.

E dentro desse povo
cabe a Bahia.

Bahia de fogo e água.
Bahia de panela e poesia.
Bahia de atabaque e vento.
Bahia de rua, de santo, de cor e memória.

E se alguém perguntar
onde foi que esse mar nasceu...

eu respondo sem medo:

JUNTO COM ZÉ GUI:

Do dendê!

Zé Gui volta forte no refrão final.

REFRÃO FINAL — todos:

Do dendê nasce o mar
do mar nasce a fé
da fé nasce a Bahia
e o povo que ela é

Do dendê nasce o mar
o mar vira canção

e a Bahia tempera
o mundo com coração

ENCERRAMENTO CÊNICO

As luzes revelam a pintura completa.

Poeta, diante da tela, recita pela última vez:

POETA:

Quem prova do dendê
não esquece o gosto do mar.

B.O

Luzes se acendem Zé Gui e Poeta agradecem ao publico.

RESUMO DAS PINTURAS AO VIVO

Pintura 1: A palmeira ancestral e a grande gota

Pintura 2: A gota se transformando em mar

Pintura 3: A baiana e o acarajé dentro da gota

Pintura 4: O Farol da Barra iluminando o dendê

Pintura 5: Atabaques e capoeira em movimento

Pintura 6: Salvador inteira dentro da gota dourada